

Tomás de Aquino e o Conhecimento na Idade Média

Sônia Brzozowski

O presente trabalho realiza uma análise sobre estudos voltados para o conhecimento a partir de Tomás de Aquino, inicialmente propõe-se uma contextualização do período Medieval ensino e religiosidade, e em seguida apresento a análise de algumas obras que dedicaram ao assunto. Dentre aqueles que se ocupam dos estudos desenvolvidos durante a Idade Média é comum a preocupação em esclarecer que tal período é erroneamente chamado de “Idade das Trevas”, pois nele houve de fato grandes e relevantes produções intelectuais em diversos campos do conhecimento humano.

É de conhecimento que o monopólio da Igreja na Europa Ocidental quanto às ferramentas de construção e difusão de conhecimento, confinadas nos isolados mosteiros, fez com que a efervescente produção ocorrida na antiguidade grega ficasse restrita aos homens da igreja, o que não ocorreu em outras regiões, como exemplo na Ásia, a instituição religiosa também se fortaleceu diante da sociedade medieval a partir do processo de ruralização.

Carente de modelos filosóficos e científicos na perspectiva bíblica e eclesial, a Igreja precisou buscar na antiguidade pagã bases de desenvolvimento do seu sustentáculo intelectual. Um primeiro grande expoente deste processo foi Agostinho Hipona e a sua cristianização de Platão, dentro da perspectiva da Patrística, e depois Tomás de Aquino no escopo da Escolástica, que buscou na solidez racional de Aristóteles¹ a justificativa da existência de Deus, buscando conciliar e conceituar razão e fé.

A retomada do aristotelismo ocorreu de forma intensa na época de Tomás de Aquino, devido à recuperação de várias de suas obras decorrentes do trabalho dos árabes e de europeus cristãos que com tais obras passaram a ter contato mais intenso e completo. Assim, o que se propõe neste trabalho é uma oferta de análise do conceito de “conhecimento” e, por conseguinte, de “ciência” na perspectiva aristotélico-tomista o

¹ O pensamento aristotélico foi banido pela Cúria Romana em 1210, pois se considerava uma ameaça a instituição religiosa, em 1259 a Ordem Dominicana conquistou o direito de Alberto Magno e Tomás de Aquino terem acesso aos documentos particulares de Aristóteles.

qual, apesar de nunca absolutamente esquecido e, de certo modo, reconhecido como relevante para o desenvolvimento do conhecimento científico, nunca teve lugar privilegiado pela comunidade científica nos estudos.

Para que haja a compreensão plena do significado de “conhecimento” e mais tarde de “ciência” no pensamento de Tomás de Aquino, é preciso considerar o seguinte itinerário:

- ✓ Apontar e definir os conceitos mais fundamentais necessários à base de compreensão da Teoria do Conhecimento Tomista e das concepções na época de seu desenvolvimento, precisamente as concepções cosmológicas de Aristóteles e da Bíblia, seja no Antigo e no Novo Testamento. Isso se faz necessário porque o objeto cognoscível em debate na Teoria do Conhecimento Tomista é justamente o mundo sensível; assim, torna-se necessário entender os fundamentos que garantirão a mescla entre o cristianismo e as concepções aristotélicas.
- ✓ Valores e costumes determinantes no processo de construção de conhecimento² e produção intelectual durante a época do desenvolvimento das ideias tomistas, isso oferecerá um quadro histórico das influências sobre o processo de construção científica proposta por Tomás de Aquino.
- ✓ O detalhamento esquemático do conceito de “conhecimento” e “ciência” na Teoria do Conhecimento de Tomás de Aquino.
- ✓ Uma análise geral proposta da Teoria do Conhecimento de Tomás de Aquino, finalizando assim o raciocínio compreensivo do objeto/título deste trabalho.

O roteiro mencionado anteriormente se apresenta estruturado a partir de análise realizada nas obras de *Hooykaas*³ e *Camenietzki*⁴ que trabalham a contexto histórico do desenvolvimento do ensino, e apresentam um panorama da História da Ciência de forma sintética e objetiva, nas quais aparecem uma conceituação básica dos principais autores e teorias que serão tratadas neste trabalho. Outro comentador importante é *Jacques Le*

² Entenda-se aqui ‘conhecimento’ como aquele proposto pelo senso-comum.

³ R.Hooykaas professor de História da Ciência da Universidade de Utrecht, na Holanda e dono de um vasto conhecimento da história da filosofia, religião, da ciência e da tecnologia.

⁴ Carlos Ziller Camenietzki – renomado físico, filósofo e historiador, se dedicou ao estudo de um momento de grande tensão nas discussões sobre as relações entre a fé religiosa, particularmente cristã, e o desenvolvimento do conhecimento científico.

*Goff*⁵ propõe um panorama da época tomista com o aristotelismo e averroísmo em que o problema do “conhecimento” na Idade Média, especialmente a partir do período escolástico girou em torno da contraposição e busca da conciliação entre a fé e a razão.

Le Goff evidencia a freqüente busca dos medievais por um equilíbrio entre fé e razão encontrou no pensamento de Aristóteles o epicentro de seu debate. Não somente as bases da Lógica Aristotélica, mas também a sua Física e a sua Metafísica acabam por vir à tona pelos contemporâneos de Tomás de Aquino, especialmente na vertente árabe, particularmente com Averróis⁶. A vertente árabe em seus estudos operava sem a necessidade de vincular a produção intelectual aos dogmas cristãos. Porém, a vertente árabe, bem se sabe, vem de uma forte influência teológica do islamismo, portanto, não é difícil deduzir que mesmo estes, apesar de independentes dos dogmas cristãos, não escaparam do teologismo reinante na cultura daqueles tempos.

Assim, a solução desta vertente foi justamente a Doutrina da Dupla Verdade: a Verdade Revelada e a Verdade Racional. Além do que, o cenário de disputas intelectuais era intensamente conturbado. Não somente se tinha uma leitura de Aristóteles partindo de Tomás de Aquino e Santo Alberto Magno, como também a dos platônico-agostinistas, dos árabes e outras, destacando que os comentários sobre os escritos aristotélicos, seguiam caminhos de acordo com os interesses daquele grupo, como exemplo o caso dos comentários averroístas que foram duramente criticados pelos católicos, considerados infiéis ao pensamento aristotélico.

Santo Alberto Magno abordou a oposição parcial de Aristóteles a Platão. No tocante ao aristotelismo, os tomistas e averroístas não entrariam em acordo. Aristóteles então passa a ser chamado de “O Filósofo”, e os averroístas passam a discordar veementemente dos tomistas quanto à concepção de Deus como causa eficiente, situando-o como causa final, isso sem ignorar a doutrina da dupla verdade, além do que, a Doutrina da Eternidade do mundo dos averroístas era veementemente oposta à doutrina da Criação Divina.

Tanto Averróis como Tomás de Aquino chegaram a ser arrolados em maior ou menor grau em acusações de heresia, como podemos constatar no caso de 1277, quando

⁵Jacques Le Goff- historiador francês, especialista no período medieval considerado responsável pela “reinvenção da Idade Média”.

⁶ Averróis o mais importante pensador muçulmano, após Avicena, que exerceu influência na escolástica cristã medieval com estudos aristotélicos.

os bispos de Paris e Cantuária condenaram o aristotelismo. A dupla condenação, por sua vez, veio a provocar divisões no seio das autoridades eclesiásticas e teológicas, como o teólogo *Godefroy de Fontaines* que lançou severa crítica às objeções ao aristotelismo tomista-averroísta.

Assim sendo, *Le Goff* torna-se um autor fundamental neste trabalho na medida em que proporciona a compreensão das querelas e das especulações em voga no quadro sócio-histórico-cultural no qual Tomás de Aquino desenvolveu as suas idéias, esta leitura permite também uma reflexão em torno do conceito de intelectual e suas ações na sociedade medieval no processo de desenvolvimento das diversas áreas do conhecimento. O estudioso Carlos Arthur do Nascimento⁷ contribui para esse trabalho com a conceituação e estrutura da “ciência” em Tomás de Aquino. Na obra *De Tomás de Aquino a Galileu* (1998), Nascimento faz comentários pertinentes a aquilo o que Tomás definia e hierarquizava como conhecimento, Nascimento classifica como “Ciências Intermediárias” ou em latim de *Scientia Media*.

Numa observação global, estas Ciências Intermediárias implicam no uso da matemática aplicada ao conhecimento empírico⁸. Tais definições praticamente não se alteraram ao longo da obra de Aquino, versando sobre o processo de abstração da matéria sensível. Destas Ciências Intermediárias, Tomás obteve base de elaboração da explicação sobre a *subalternação*⁹ das ciências.

Assim, há um duplo modo de uma ciência conter outra ciência, o sujeito de uma ciência pode estar contido no escopo do sujeito de outra ciência, por exemplo, se há uma ciência da natureza, a zoologia está contida em seu escopo porque seu objeto, os animais, compõe o corpo da natureza; o outro modo seria como no caso de uma ciência superior determina os porquês, enquanto a inferior só determina os “quês”, e temos o exemplo da música subalternada à aritmética.

Com isso Tomás de Aquino procurou estabelecer uma Doutrina de

⁷Carlos Arthur do Nascimento é graduado em Filosofia (1955 -1957) e em Teologia (1958 – 1961) pelo Studium Generale da Província Dominicana Santo Tomás de Aquino do Brasil, doutor pelo Instituto de Estudos Medievais da Universidade de Montreal no Canadá, reconhecido no Brasil como grande estudioso das obras de Santo Tomás de Aquino.

⁸Tomás de Aquino apresenta uma tripla formulação das ciências intermediárias: os princípios matemáticos que se aplicam às coisas naturais; ciências puramente matemáticas que se aplicam às coisas sensíveis; princípios matemáticos que se aplicam às coisas materiais. (Nascimento, 1998, p. 20).

⁹Subalternação é o ato ou efeito de subalternar, dependência ou subordinação.

Especificação das Ciências, na medida em que conferia unidade interna ao sujeito e seus princípios. Ausentes os princípios assim, vinculados, torna-se impossível estabelecer aquilo que é fundamental ao conhecimento científico: as demonstrações, que perderiam sua validade, carentes dos princípios necessários e próprios na perspectiva aristotélica, e Aquino se dedica a um aprofundado estudo sobre os Segundos Analíticos¹⁰, aprimorando a relação que Aristóteles estabelece entre o que em sua epistemologia é definido como ciência superior e ciências subalterna.

Compete a outra ciência, a saber, a inferior, saber o próprio quê apenas; de fato, o gênero sujeito da ciência inferior é distinto do gênero sujeito da ciência superior, da qual são tomados os princípios. Mas, saber por que compete à ciência superior, à qual competem por si estas propriedades. Com efeito, como a propriedade inere ao sujeito por causa do termo médio, considerará o porquê aquela ciência à qual pertence o termo médio, ao qual compete por si à propriedade que é demonstrada. Se, porém, o sujeito pertencer a outra ciência, não competirá a esta ciência o porquê, mas apenas o quê; nem a tal sujeito compete por si a propriedade demonstrada dele, mas por um termo médio estranho. Se, porém, o termo médio e o sujeito pertencerem à mesma ciência, então competirá a esta ciência saber que e porque.

(NASCIMENTO, 1998, P.60)

Esta passagem que, de certa forma, resume a condição silogística da subalternidade das ciências na leitura que Tomás realiza sobre Aristóteles tem-se então explicitada a forma como as matemáticas puras são tomadas como ciência superior em relação às ciências intermediárias, como a física ou a música.

Ainda, Nascimento procura determinar a concepção de ciência de Tomás de Aquino, respeitando acima de tudo a correspondência de tal concepção com o aristotelismo, uma ciência superior que prima pela abstração em seu mais alto nível e, portanto, uma intangível ferramenta na definição de certezas – em outras palavras, a matemática pura, a qual fornecerá os princípios aplicáveis às ciências intermediárias (ou subalternas), exemplificadas na zoologia, botânica, física, medicina, música e outras conforme as concepções de campos de conhecimento da época na qual foram desenvolvidas tais teorias, ciências estas que seriam então consideradas não puras em função da sua aplicabilidade pelo conhecimento de objetos não abstratos, mas concretos, e podemos perceber aqui como está ficando clara aqui a influência de Platão.

¹⁰Na obra Segundos Analíticos Aristóteles procura delimitar em que consiste o conhecimento científico.

Assim sendo, é importante considerar os limites e escopos de cada campo da ciência, ou *ciências*, dentro da epistemologia tomista. Em suas próprias palavras:

Aquele que possui a ciência subalternada não alcança perfeitamente a noção de saber, senão na medida em que seu conhecimento está de um certo modo em continuidade com o conhecimento daquele que possui a ciência subalternante; no entanto, não se diz que aquele que é dotado da ciência subalternada tem ciência do que ele supõe, mas das conclusões que são concluídas necessariamente dos princípios.

(NASCIMENTO, 1998, P.60)

As concepções hierárquicas conforme as finalidades das ciências também são perceptíveis aqui, e ressalta-se que são uma característica fundamental do aristotelismo levada a termos ainda mais sólidos pelo tomismo. As ciências subalternas participam tanto da certeza última proporcionada pela abstração matemática (os porquês) como das constatações empíricas pertinentes à materialidade dos objetos científicos (os quês), ou seja, constituem na concepção silogística o termo médio.

As Ciências Intermediárias, portanto, não podem estabelecer demonstrações completas por si próprias; as demonstrações, portanto, são mais matemáticas que físicas, sem, no entanto, desligar-se totalmente do que advém do contato empírico com o objeto físico, definindo assim a base da especulação científica em Tomás de Aquino, a contribuição teórica de Nascimento para este trabalho é imprescindível um dos pontos-chave para a compreensão dos objetivos destes estudos.

Realiza-se uma análise sobre o período histórico de Tomás de Aquino e definição que atribuiu ao “conhecimento” e como relacionou fé e razão, destacando:

- ✓ Sua contribuição para o desenvolvimento das diversas áreas do conhecimento, (biologia, lógica, entre outras) e na divulgação das teorias aristotélicas;
- ✓ Observar a relação entre fé e razão proposta por Tomás de Aquino;
- ✓ Contribuição para a comunidade acadêmica de conceitos raramente explorados no pensamento brasileiro contemporâneo, a partir de uma releitura do tomismo e a reconstrução do significado do conhecimento na perspectiva medieval, buscando superar preconceitos e concepções equivocadas acerca de um período que trouxe ricas contribuições à

cultura ocidental, bem como vivenciou uma grande interatividade ocidente-oriental.

- ✓ O trabalho tem como eixo central o Livro I da *Summa contra Gentiles: Quod sit officium sapientis* escrito entre os anos de 1255 e 1264, em outras palavras “Qual o Ofício do Sábio”, pois aqui Tomás aponta que o sábio é aquele que tem papel capital na busca e constituição do “conhecimento”. Ao longo de todo Livro I, Tomás explicita esse assunto e atrela o “sábio” a ideia de “Deus” e como essa associação é capaz de atingir o “verdadeiro conhecimento”.
- ✓ Desta forma, espera-se com esse trabalho contribuir com a comunidade acadêmica e com o desenvolvimento do pensamento científico brasileiro, tão carente de investidas positivas neste sentido.

A partir destes estudos existe a possibilidade de uma releitura em torno do desenvolvimento do conhecimento nas suas mais diversas áreas, permitindo o reconhecimento da existência de uma hierarquização das ciências, conforme proposto por Aquino. Outra hipótese significativa é abordar a possível existência de uma proximidade (cumplicidade) entre razão e fé, não com o intuito de desconstruir paradigmas, mas de contribuir na construção de um novo olhar sobre o desenvolvimento de conhecimento a partir do período medieval e a influência e contribuição religiosa, católica. Torna-se possível também uma análise de algumas traduções de obras aristotélicas, feitas por vários intelectuais, com diferentes interesses, e a destacar a importância de Tomás de Aquino para a divulgação das ideias de Aristóteles para a comunidade científica, lembrando que dirigiu severas críticas às traduções feitas por Averróis, considerando-as infiéis e até mesmo ofensivas¹¹ aos ensinamentos de Aristóteles, e que a igreja o considerava apto a função de realizar os comentários sobre as obras e “corrigir” os possíveis erros em relação aos ensinamentos religiosos cometidos por Aristóteles. Apresenta-se a ideia de conhecimento atrelado a verdade, desde que seja ela permissiva por Deus segundo Tomás de Aquino.

¹¹ Conforme consta na introdução do livro “Suma Contra os Gentios”.

Bibliografia

Fonte documental

AQUINO, Tomás de. Suma contra los gentiles. Libro I “El oficio del sábio” Trad. Carlos Ignacio González. México: Editorial Porrúa, 6ª Edição 2010.

Bibliografia citada e comentada

AQUINO, Tomás de. Súpula Contra os Gentios. Trad. Luiz João Baraúna. Editor Victor Civita, São Paulo, 1973.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício de Historiador.** Trad. André Telles, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. A Cruz e a Luneta: ciência e religião na Europa Moderna. Acces. Rio de Janeiro, 2000.

COSTA, José Silveira da. Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé. – São Paulo: Moderna, 1993. Coleção Logos. P.49-51.

_____ Averróis: o aristotelismo radical. – São Paulo: Moderna, 1994. Coleção Logos.

ÉTIENNE, Gilson. Deus e a Filosofia. Trad. Aída Macedo. Lisboa: Edições70, 2002.

FAITANIN, P. O Ofício do Sábio: o modo de estudar e ensinar, segundo Santo Tomás de Aquino. Cadernos da Aquinate, nº 3. Niterói: Instituto Aquinate, 2008.

FERREIRA, Anselmo. O conceito de Ciência em Tomás de Aquino: uma apresentação da Expositio libri posteriorium (comentário Segundos Analíticos). Campinas, 2008.

GARDEIL, H. D. Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino II cosmologia. Trad. Wanda de Figueiredo. Livraria Duas Cidades. São Paulo, 1967.

HOOYKASS, R. A religião e o desenvolvimento da ciência na Idade Moderna. Editora Universidade de Brasília, 1988.

LE GOFF, Jacques. Os intelectuais na Idade Média. 3ª edição – Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

NASCIMENTO, Carlos Arthur. De Tomás de Aquino a Galileu. 2ª edição. Campinas - Unicamp/IFCH, 1998.

RONAN, Colin A. História Ilustrada da Ciência II: Oriente Médio e Idade Média. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.

STRATHERN, Paul. São Tomás de Aquino. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.